

ARTE E POLÍTICA: MALAS NA CIDADE E O CONCEITO DE COMUM

*Ícaro Lênin Maia Malveira¹
João Vilnei de Oliveira Filho²*

RESUMO: O presente trabalho foi desenvolvido a partir do recorte de um conjunto de ações realizadas em Fortaleza, no dia 16 de novembro de 2018, na calçada do Museu de Arte da UFC (MAUC) e nas imediações do cruzamento da Av. da Universidade com a Av. 13 de Maio. A escrita que segue é uma reflexão sobre as ações na rua, trabalho final da disciplina de Ateliê de Criação IV, somadas aos debates sobre arte e política que vieram à tona no decorrer da disciplina de Tópicos Especiais II, ambas ofertadas pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC), no segundo semestre de 2018. Sua elaboração traz, inicialmente, a história das malas que me acompanharam em diferentes momentos da vida. Em seguida, exploro a maneira como essas narrativas se atravessam no processo de criação de um fanzine conceitual, seguidas de uma descrição das ações na rua, que integraram o IV Seminário Internacional das Artes e seus Territórios Sensíveis (SIATS). As vivências e interlocuções com a cidade que aconteceram na data das ações fundamentam-se aqui tomando como referencial o conceito de comum, em Arendt, e de partilha do sensível, em Rancière. Defendo a ideia de que as ações e o uso das malas na cidade contribuem na construção de um espaço comum, onde há espaço para a troca, momento de criação e possíveis diálogos com a lógica de produção do fanzine. Este trabalho é uma produção do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA-UFC) e é parte de uma pesquisa em Arte Contemporânea que tem como intuito realizar uma série de ações que se somem no processo de criação de um zine-cidade.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; comum; criação; fanzine; mala

ART AND POLITICS: SUITCASES IN THE CITY AND THE CONCEPT OF COMMON

ABSTRACT: The present work was developed from the activities carried out on November 16, in the crossing of Universidade and 13 de Maio avenues. It is the final work of both the Creation Atelier

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Artes da UFC. Graduado em Letras/Português – Licenciatura pela UECE. Trabalha como professor no Colégio Diocesano Pe. Anchieta desde 2012, onde ministra aulas de Arte-educação e Literatura. Tem interesse pela pesquisa e criação de fanzine e por suas implicações no espaço da cidade. (ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-9778-9874>) / UFC – LICCA. Limoeiro do Norte, CE – Brasil. E-mail: icarolmalveira@gmail.com

² Doutor (2017) em Arte e Design pela Fac. de Belas Artes da Univ. do Porto/FBAUP, mestre (2009) em Criação Artística Contemporânea pela Univ. de Aveiro/UA e bacharel (2006) em Com. Social Pub. e Prop. pela Univ. Federal do Ceará/UFC. É professor assistente do Campus da UFC em Quixadá e membro do LICCA – Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte, i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade/FBAUP e iD+ - Instituto de Investigação em Design, Mídia e Cultura/UA-UP. (ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-9616-6069>) / UFC – LICCA; i2ADS; iD+. Fortaleza, CE – Brasil. E-mail: joaovilnei@gmail.com

IV course, and the discussions regarding politics that took place during Special Topics II classes, offered by the Graduate Program in Arts of the Federal University of Ceará (UFC), in the second semester of 2018. It brings, initially, the history of the luggages I have carried with me at different moments of my life. Then, I explore the way these narratives cross each other in the process of creating a conceptual fanzine, in addition to its importance in a series of events carried out in the city of Fortaleza, during the IV International Seminar on Arts and its Sensitive Territories. Starting from the concept of common, in Arendt, and distribution of the sensitive, in Rancière, the work seeks to explore the conversations and experiences with the city that happened at the time. The proposed discussion includes the idea of a common space created with the suitcase and the city, at the same time as relates to aspects regarding the logic of production of the fanzine. This work was carried out by Body, Communication and Art Investigation Laboratory (LICCA) it is part of a research in Contemporary Art that intends to promote events with similar goals: the process of creating a zine-city.

KEYWORDS: city; common; creation; fanzine; suitcase

ARTE Y POLÍTICA: MALETAS EN LA CIUDAD Y EL CONCEPTO DEL COMÚN

RESUMEN: El presente trabajo fue desarrollado a partir de un conjunto de acciones realizadas en Fortaleza, el día 16 de noviembre de 2018, en la acera del Museo del Arte da la Universidad del Ceará UFC y en las inmediaciones del cruce de la Av. de la Universidad con la Av. 13 de mayo. La escrita que sigue es una reflexión sobre las acciones en la calle, trabajo final de la disciplina de Taller de Creaciones IV, agregado a las discusiones sobre el arte y la política que surgieran durante la disciplina de Tópicos Especiales II, ambas ofrecidas por el Programa de post- graduación en el Arte de la Universidad Federal del Ceará (UFC), en el segundo semestre de 2018. Su elaboración trae, inicialmente, la historia de las maletas que me acompañaran en diferentes momentos de la vida. En seguida, exploro la manera como esas narrativas se atraviesan en el proceso de creación de un fanzine conceptual, seguidas de una descripción de las acciones en la calle, que integraran el IV Seminario Internacional de los Artes y sus Territorios Sensibles. Las vivencias e interlocuciones con la ciudad que acontecieran en la fecha de las acciones fundamentase aquí tomando como referencial el concepto del común, en Arendt, y de la división de lo sensible, en Rancière. Defendiendo la idea de que las acciones y el uso de las maletas en la ciudad contribuyen en la construcción de un espacio común, donde hay espacio para la troca, momento de creación y posibles diálogos con la lógica de producción del fanzine. Este trabajo es una producción del Laboratorio de Investigación en el Cuerpo, Comunicación y Arte (LICCA-UFC) y es parte de una pesquisa en Arte Contemporánea que tiene como intuito realizar una serie de acciones que suman en el proceso de creación de un zine-ciudad.

PALABRAS CLAVE: Ciudad; común; creación; fanzine; maleta

Introdução

Capítulo 1 – A primeira mala e sua dama de companhia

Há muito tempo meu pai ganhou uma velha mala executiva. Era de cor preta e tinha duas fechaduras enferrujadas nas extremidades. Dobrada a alça para um dos lados, podia-se ver o nome da marca já gasto: Samsonite. Ainda criança à época, não achei que fosse um objeto usual para a nossa casa. Lembro que ela fora dada por um amigo, embora suponho que não fosse de fato um presente, pois surrada como estava, talvez não pudesse ser tomada como símbolo de apreço entre velhos

companheiros. E a velha mala ficou encostada pelos cantos, esquecida, muitas vezes estropiada pelas reformas na casa ao longo dos anos.

E ali se manteve, arremedo de um objeto de luxo jamais destinado a mão das crianças. As teias de aranha angulavam em sua alça levantada. Certa feita, vi-a aberta... nada havia dentro. Estava vazia. Tempos depois, ganhei a mala em um momento fortuito, imprevisível, dia em que vi meu pai bastante afobado, alheio às coisas da casa, irrequieto com algum assunto. Fiz o pedido e ele acedeu com um gesto quase gratuito, talvez impaciente, de quem não pesava devidamente o significado daquela concessão.

Ela se tornou meu repositório fiel. Dentro, guardei cartas, cadernos de desenho (hoje amarelados!), carrinhos de ferro, álbuns da Nestlè, um livro chamado *As Incríveis Aranhas*, um VHS em que algum filme esquecido fora gravado, cadernos com vários desenhos representando uma guerra estática entre homens e dinossauros, presentes diversos e outras prendas para a memória.



Figura 1 - Mala empresarial e a caixinha de Valdivia.
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Passado o tempo, a mala ficou abarrotada, enfim, e comecei a guardar as coisas (que, em outro momento, iriam dentro dela) na estante, entre os livros. Foi quando adquiri um novo objeto, uma dama de companhia para minha mala: era uma lembrança muito bonita das paisagens de Valdivia, aquela pequena caixa de madeira que ganhei de presente. No tampo, havia uma gravura que mostrava algo parecido com uma torre e, sem muito esforço, levava meu pensamento rumo aos moinhos de vento de Rembrandt, dada a semelhança da imagem com as águas-fortes do mestre holandês. Esvaziei a estante e nela pus as cartas e escritos diversos. Minha mãe criou uma narrativa particular sobre esses

guardadouros: disse que só tinha certeza se eu tinha posto o fim em algum caso amoroso quando via os mimos, papéis e presentes indo parar dentro da caixinha. Portanto, essas duas malas passaram a definir um espaço de acúmulo das coisas que pertenciam ao passado. Virariam memória.

Capítulo 2 – Mala-expositor

Inspirado na figura dos antigos caixeiros viajantes, projetei uma mala na qual pudesse levar, para um sem-fim de lugares, os zines que vinha fazendo desde que começara a dar aulas de Literatura e Arte-Educação, em 2013. Mostrei o esboço mal traçado a meu pai. E ele, que tem por *hobby* a carpintaria, prontificou-se a levar a cabo o feitiço, em madeira prensada, com apêndices móveis e articulações internas que se abriam como janelas. A maneira como eu poderia utilizar a mala-expositor, como decidi chamá-la, poderia definir seu uso tanto como objeto que guarda como um lugar-mostruário.

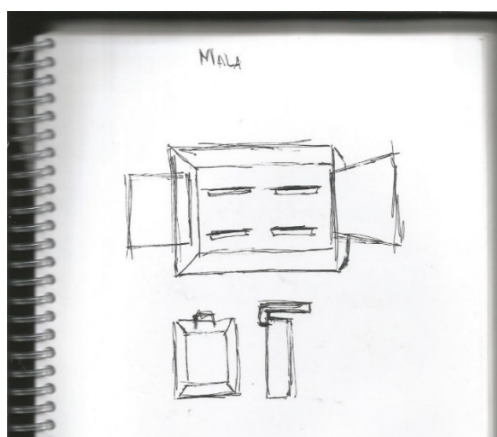


Figura 2 - Esboço da Mala-Expositor.
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Dentro dela, carreguei os zines semanalmente, enquanto perfazia o trajeto Fortaleza-Limoeiro do Norte³ para assistir as aulas da Pós-Graduação em Artes, iniciadas em março de 2018. Até então, quase sempre os fanzines iam parar nas mãos dos meus alunos, que liam e eventualmente me perguntavam pelo próximo número durante alguma conversa de intervalo entre as aulas, nas galeria do Colégio Diocesano⁴. Na verdade, muitas vezes continuei a fazer meus fanzines porque sabia que eles liam o que eu escrevia, reparavam no que eu desenhava.

A mala-expositor foi aberta pela primeira vez na Matinê⁵, em seguida na sala 109⁶. Também abri a mala na Praça da Matriz de Limoeiro e, em busca de novos percursos, ela também conheceu o Campus da Universidade Federal do Ceará – UFC – em Quixadá e, por algum tempo, foi peça de exposição no Museu de Arte da UFC (MAUC-UFC). Portanto, se a ela fosse dada a faculdade incrível de falar, contar sua história, como fazem os alfinetes no conto *História Comum*, de Machado de Assis, talvez

³ Município localizado no Vale do Jaguaribe – CE, a duzentos quilômetros de Fortaleza, aproximadamente.

⁴ O Colégio Diocesano Pe. Anchieta é uma das escolas tradicionais do município de Limoeiro do Norte, fundada em 1942. Em janeiro de 2012, ingressei na instituição como professor de Sociologia e de Linguagens e Códigos. Na presente data, assumo as disciplinas de Língua Portuguesa-Literatura e Arte-educação.

⁵ Espaço onde acontecem múltiplas atividades e onde está situada a menor galeria da cidade, coordenado pela pesquisadora Fernanda Meirelles. Localiza-se no cruzamento da Av. 13 de Maio com a Rua Barão de Aratanha.

⁶ Sala do Programa de pós-graduação em Artes localizada no Instituto de Cultura e Arte (ICA), no Campus do Pici (UFC). Trata-se de um espaço de pensamento, criação e experimentação em Arte Contemporânea.

ela também criasse um tom épico para discorrer sobre situações ordinárias e comuns como se fossem os causos mais fabulosos já relatados. Talvez, ela também iria se vangloriar de uma ascensão muito mais prodigiosa que a do imperador nascido em Santa Helena, como diria o Bruxo do Cosme Velho⁷, não sem alguma ironia que lhe é peculiar, sobre os pobres alfinetes.



Figura 3 - Mala-Expositor.
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Capítulo 3 – Fanzine-mala

A terceira mala foi a que fiz. Quando planejei sua montagem, queria que ela chegasse até as pessoas, fosse um objeto que pudesse ser dado. Queria que, de alguma maneira, elas levassem também as outras malas que possuí. Pensei que isso poderia ser feito se eu encontrasse meios de entregar às pessoas o conteúdo guardado nelas, uma reprodução da bagagem que a elas se incrustou, ora resultado do tempo de acúmulo, soma de objetos, papéis e memórias que carregam o carimbo das coisas vividas. O fanzine-mala, tal como o pensei, foi levado para rua como produto final da disciplina de Ateliê de Criação IV, situação que me permitiu ter uma experiência, por mais limitada que fosse, de troca com as pessoas no espaço público.

Medindo 12cm x 8cm x 3cm, o fanzine-mala se irmana aos pequenos objetos, embora não seja exatamente minúsculo. Acredito que Alice⁸, ao atingir seu tamanho mais diminuto, não conseguisse levá-la, se assim fosse seu desejo. Quem sabe, muito embora duvide, os habitantes de Lilliput⁹ também não encontrassem, nesse objeto, a melhor companhia para uma fuga apressada. A forma que busquei ao confeccionar o fanzine-mala não levou em conta seu uso por pequeninas mãos. Talvez porque, no fundo, minha intenção fosse de fato criar um híbrido entre mala e fanzine, a mistura precisa, de forma que ele não pudesse ser uma coisa nem outra, separadamente.

⁷ Epíteto usado para fazer referência a Machado de Assis.

⁸ Alice no País das Maravilhas (*Alice in Wonderland*) é a obra infantil mais conhecida de Charles Lutwidge Dodgson, publicada em 4 de julho de 1865 sob o pseudônimo de Lewis Carroll.

⁹ Lilliput é uma ilha fictícia do romance *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. O autor apresentou-a como parte de um arquipélago com Blefuscu, algures no Oceano Índico.



Figura 4 - Fanzine-mala.
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Capítulo 4 – À moda dos mágicos

Caso fosse eu o Ex-mágico da Taberna Minhota¹⁰, acredito que não teria surgido espontaneamente na frente de um espelho redondo, sem passado ou história que contasse... Mas certamente teria saído de dentro de uma mala, pois é nelas que misturo arte, vida e alguma beleza tirada das histórias inventadas. Tal mistura, narrada com estas palavras, toma a forma exata do que quero contar. Aqui, as malas cabem-se e descabem-se. Enquanto os mágicos tiram coelhos da cartola, enquanto na matriosca as bonecas pequenas são tiradas de dentro das bonecas grandes, eu sigo tirando malas de dentro de malas, *malabaristicamente*.

Ateliê de Criação IV¹¹

Passo por passo, palavra por palavra. Gestos e mais gestos na superfície do corpo. Entre uma rota do metrô que nos leva pela estrada de cascalho à lagoa do Mondubim¹², ou acelerando e desacelerando passos, escrevendo os limites da silhueta com giz no chão da Praça das Flores¹³, em traço, traçado, gesto-linha, fomos guiados pela proposta de nos emaranhar na cidade por meio da escrita. Ao longo do semestre, nós¹⁴ fizemos esses percursos e outros mais durante a disciplina de Ateliê de Criação IV, que trouxe como foco as possibilidades e modos de escrita: seja ela política, a escrita do corpo, da memória, o compor/escrever com a cidade. Assim fizemos, em vez de simplesmente escrever na cidade, levando em conta que “sua configuração materializa as condições relacionais tanto sofridas quanto criadas pelos corpos de seus habitantes, em suas confrontações na esfera pública” (BRITTO; SETENTA, 2017, p. 242).

Ao fim do semestre letivo, foi acordado entre os colegas e as professoras da disciplina que faríamos uma participação no IV Seminário Internacional das Artes e Seus Territórios Sensíveis,

¹⁰ Conto publicado por Murilo Rubião em 1947.

¹¹ Disciplina eletiva ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes-UFC), no segundo semestre de 2018.

¹² Mondubim é um bairro de Fortaleza, localizado ao sudoeste.

¹³ Praça Dr. Carlos Alberto Studart Gomes – Praça das Flores, localizada no bairro Aldeota, Fortaleza (CE).

¹⁴ A disciplina de Ateliê de Criação IV foi ministrada pela professoras: Jo A-mi e Deisimer Gorczewski. Os alunos matriculados na disciplina e que participaram das atividades do semestre (2018.2): Alysson Lemos Campos; Marllon Tamboril; Gerardo Alfonso; Ítalo Rui; Ícaro Malveira; Marcos Paulo; Thiago Torres; Rhachel Martins; Caio Victor Brito.

especificamente durante a exposição “Mapas de um mundo ausente”, que seria realizada no MAUC-UFC. Assim, durante a reunião feita no dia 1º de novembro, definimos as bases de um trabalho coletivo que, por sua vez, agregaria proposições individuais. A ideia seria trazer as experimentações com escrita e cidade feitas ao longo da disciplina e fazer uma ação na rua, em que cada aluno poderia estabelecer um diálogo entre a matéria de discussão da disciplina e sua própria pesquisa sem perder a dimensão coletiva. Precisávamos, no entanto, de algo que reunisse todas as propostas para que pudessem ser entendidas como parte de um só trabalho mais abrangente.

Rhachel Martins¹⁵, uma das colegas de disciplina, sugeriu à turma que a ação na rua poderia ser feita utilizando a mala-expositor como objeto-lugar que poderia abrigar as poéticas e singularidades de cada artista-pesquisador(a). A mala-expositor seria o ponto de partida, o *start* a partir do qual os artistas vinculariam ação, proposição poética e trabalho coletivo, pois o diálogo com a rua e com a cidade foi um aspecto caro às discussões que tivemos durante o semestre, assim como era caro a nós o senso de coletividade, de grupo que compartilharia o mesmo espaço. O título escolhido veio de um devaneio da professora Jô A-mi, um jogo homofônico feito com a expressão nominal “A mala”, que se acabou se tornando: AMÁ-LA.

Uma vantagem de usar a mala-expositor de maneira compartilhada seria o seu tamanho. Alguns meses antes, quando ela ficou pronta, percebi que era bem maior do que esperava, também mais pesada e com um bastante espaço interno. Logo, o que pareceu um problema para as situações em que eu pretendia usá-la – levar os fanzines para vários lugares – acabou se mostrando uma vantagem no contexto da ação que iríamos realizar, já que ela seria o suficiente para guardar os materiais que a turma ia levar. A mala-expositor, portanto, teria uma dimensão coletiva, buscando por base o comum, uma vez que seria usada no espaço público e estaria ao dispor das pessoas que passassem na rua como uma provocação, um chamado à interação.

A criação do fanzine-mala

O processo de criação do fanzine-mala foi motivado pelo desejo de fazer um trabalho que reunisse as duas malas que eu tinha (a mala-expositor e a mala empresarial) e o projeto de criar um fanzine que pudesse ser trocado no contexto de diálogo com a rua e com as pessoas. Ou seja, não queria que minha participação se resumisse ao empréstimo da mala-expositor para o uso coletivo, mas que mantivesse ali um trabalho em que se pudesse ver as experiências com escrita que desenvolvi ao longo da disciplina de Ateliê de Criação IV.

A maior dificuldade que encontrei foi a de criar, inspirado na mala-expositor, um zine-objeto artesanal e os pequenos detalhes que seriam fundamentais para evocar a aparência de uma mala como objeto em si. Para isso, fiz uma pesquisa sobre tipos de papel de maior gramatura e optei por utilizar o papel Paraná, que possui cor amadeirada, similar à cor com que a mala-expositor foi pintada. As partes do fanzine-mala têm o formato de um paralelepípedo, com altura e largura de maior medida, proporcionalmente, que a espessura: 12cm x 8cm x 3cm.

Cada fanzine-mala é composto por dois lados iguais, já que a abertura da mala é um corte longitudinal. Para isso, fiz um molde bidimensional, traçado no papel Paraná, recortado com estilete, para que os dois lados da mala pudessem ser reproduzidos e montados. Os detalhes nos cantos (vértices) foram feitos com papel Pequim marrom, 180g. Encontrei as dobradiças pequeninas que utilizei na parte de trás, para unir as duas metades do fanzine-mala, assim como os tipos de papel, em um estabelecimento que costumeiramente frequento em Limoeiro, a Livraria e Papelaria Exata¹⁶. As dobradiças foram

¹⁵ Artista-pesquisadora da cidade de Fortaleza e colega do PPGArtes UFC.

¹⁶ Papelaria situada na Rua Prof. Ricarti, em Limoeiro do Norte (CE).

afixadas com pregos que, na parte interna e presos a pequenos pedaços de borracha. O último pormenor do processo, a alça, foi feita com a metade de um clip de tamanho 10/0 cortado com alicate.



Figura 5 - Materiais utilizados para montar o fanzine-mala.
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

O interior da mala traz dez cartões de diferentes tamanhos, impressos em frente e verso em papel *couché* fosco. Em cada cartão, veem-se imagens ou formas de escrita que se misturam e engatam não apenas as discussões da disciplina de Ateliê de Criação IV, mas diferentes formas de abordar os arquivos da velha mala executiva. Para ter uma ideia do tema que ia abordar nos cartões, tomei como referência o título de nosso trabalho e pensei na seguinte pergunta: o que a expressão *amá-la* evoca em mim? A memória de uma pessoa? A lembrança de uma situação, objeto ou época? Partindo desta provocação e do conteúdo presente nas malas, passei a compor os cartões que tentavam responder à pergunta ao trazer como tema fragmentos amorosos, registros da infância e a história das malas em si, sob a forma de fotografias, desenhos/ilustrações, QR Code, poemas, crônicas, etc.

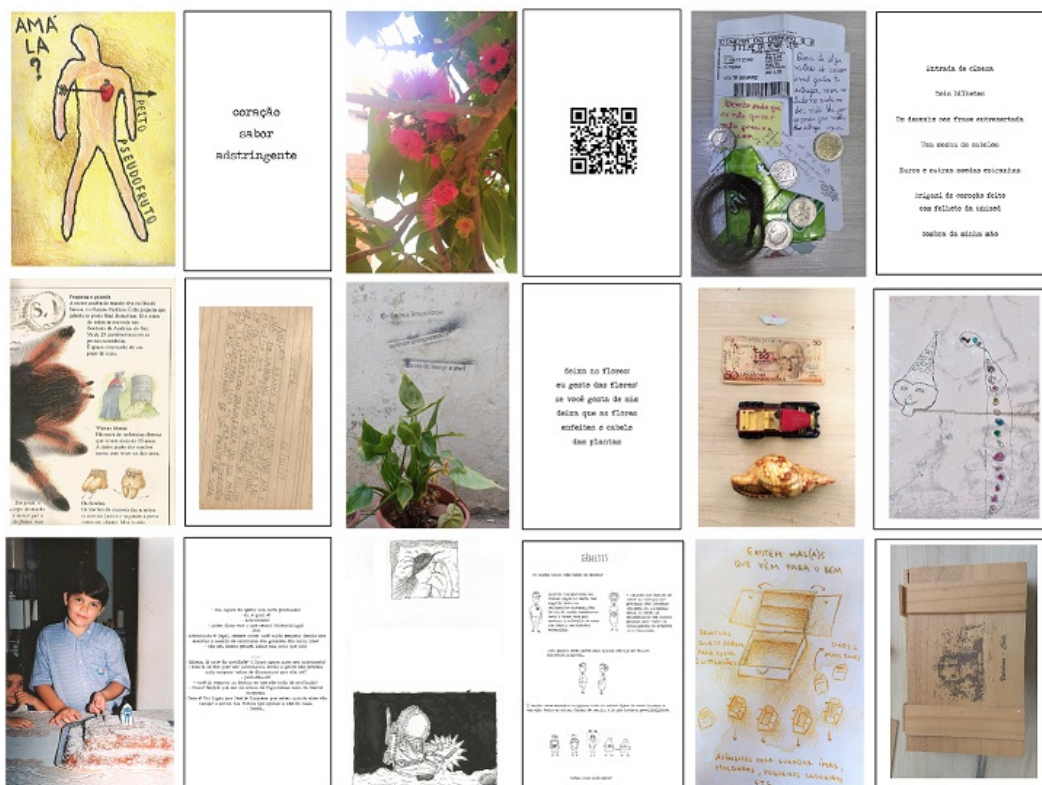


Figura 6 - Cartões do fanzine-mala.
 Fonte: Acervo pessoal, 2018

O fanzine-mala possibilitou-me formatar malas e bagagens, permitiu-me ver o potencial artístico destas quando postas ante o espelho da multiplicação que é o fanzine. Trata-se de um despacho de conteúdo poético, transfigurado sob a forma do fanzine por meio dos cartões. Agora, minhas malas sairiam do quarto. O fanzine-mala carrega um caráter dúbio, pois é o elo de comunicação entre as malas, é o objeto que faz com que elas possam convergir: tanto pode ser entendido como obra, ou como objeto a guardar uma representação da minha bagagem. Portanto, a mala/obra também pode ser entendida como objeto/publicação, é o que desejo compartilhar por meio da troca. Esta, por sua vez só se realiza em uma dimensão comum de intercâmbio, quando o outro se insere e sente vontade de participar.

A troca é um hábito comum entre os zineiros, a distribuição de mão em mão e o envio pelos correios têm sido a forma mais comum através da qual o fanzine alcança outros lugares e pessoas. O que me proponho neste trabalho é esticar os limites da troca sugerindo a pessoas que eventualmente não se consideram fanzineiras que possam produzir a página de um zine e, em seguida, trocar comigo. Assim, a bagagem que escolhemos e a forma como decidimos representar - no meu caso, por meio dos cartões - pode ser dividida com o outro por meio da ação da troca que, por seu turno, se concretiza através do interesse em comum que leva duas ou mais pessoas a compartilharem algo entre si. Portanto, bagagem, troca e experiência podem ser aglutinadas dentro da mala-expositor, aqui entendida como espaço comum.

Ação na rua: momento de troca e criação

A ação na rua de que trata este artigo aconteceu no dia 16 de novembro de 2018, na calçada do Museu de Arte da UFC (MAUC), no cruzamento da Av. da Universidade com a Av. 13 de Maio, no Benfica,

bairro de Fortaleza (CE). O grupo, formado pelos colegas da disciplina de Ateliê de Criação IV e as professoras Jo A-mi e Deisimer Gorczewski, combinou um encontro cedo da tarde no museu para ajudar a organizar na exposição “Mapas de um mundo ausente”, parte da programação do Seminário Internacional das Artes e seus territórios sensíveis (SIATS).

A mala-expositor foi aberta na calçada do MAUC das 15h às 17h30min e dentro estavam os materiais, as proposições e poéticas dos colegas que participaram da disciplina: fanzine-mala, fotografias, lambes, encartes de CD, giz e *post-its* coloridos. Cada colega apresentou uma proposição diferente, algumas com um nome específico e outras não, apesar de a mala-expositor juntar a todos em um espaço comum.

A mala-expositor ficaria aberta para que as pessoas daquela área da cidade pudessem não apenas interagir com as proposições artísticas, mas realizá-las, completá-las. Sem essa possibilidade de interação com a cidade, os trabalhos se esvaziariam. Pensando nessa premissa, pus ao lado da mala-expositor um saco plástico com tipos de material de escrita variados, como canetas (unipin, bic, compactor, canetinhas coloridas, pincel de lousa, etc.), pincéis, lápis, além de vários tipos de papel (ofício, *chouchè*, papel vegetal, papel kraft, papel canson, etc). Na minha blusa, com pedaços de papel afixados com fita durex, escrevi uma frase que pudesse gerar interesse, provocar os passantes: *Dou-te minha mala, se tu me deres tua bagagem*, mote inicial para a troca, um chamado, uma condição de partilha.



Figura 7 - Início da ação na rua.
Fonte: Levy Galvão, 2018.

Minha proposição engendrava um momento de troca e criação, contexto que pude explicar à medida que as pessoas se aproximavam. Seria do meu gosto trocar meu fanzine-mala pelas escritas que as pessoas estivessem dispostas a elaborar naquele momento. Expliquei que, da mesma maneira que os cartões dentro do meu fanzine eram uma interpretação livre do título do nosso trabalho – AMÁ-LA – seria interessante que a escrita feita por eles também o fosse. *O que a palavra-título AMÁ-LA desperta em você? Do que você é capaz de lembrar? Com o que relaciona?*

O lugar escolhido era de grande circulação - universitários, comerciantes, o vendedor de batatinha frita, os de água mineral, dentre outros caminhantes. Sol no cocuruto da cabeça. Sinal que abre, sinal que fecha, na pista de várias faixas, carros passando num ir e vir sem trégua. O museu aberto, a tarde

que caía. Nossa turma pôs a mala-expositor em um banco no canto da calçada, visível aos que passavam naquele horário.

As ações começaram tão logo nos abancamos: um varal foi feito entre os postes na extremidade da calçada, rolos de tinta cheios de cola e lambes postos no chão, um livro aberto circulando de um lado para o outro, alguns passantes olhavam, outros nem isso. “Se não estão fazendo exame de sangue gratuito, nem oferecendo consultas grátis em alguma ótica do centro, então o que deve ser?” – será que pensavam assim? Em torno da mala, já se podiam ver os que tiveram curiosidade e ficaram para escutar alguma explicação a respeito do que estava acontecendo ali.



Figura 8 - Ações na Av. 13 de Maio.
Fonte: Levy Galvão, 2018.

No meio dos muitos materiais e provocações, o fanzine-mala se misturava dentro da mala-expositor e não chamava tanta atenção. Expliquei várias vezes do que tratava o trabalho AMÁ-LA e quem éramos para diferentes pessoas e pequenos grupos. Em meio a esses esclarecimentos, apresentava o fanzine-mala e, em seguida, fazia um convite à escrita, à criação, à troca. “Pode mexer na mala, nas coisas que há dentro, e nos materiais aqui embaixo do banco” – era o que eu dizia. Algumas pessoas concordavam com a cabeça, em sinal de entendimento, e continuavam a olhar, caminhar em torno, reparar nos outros colegas da disciplina, cada um ocupado com sua própria ação.

Essas foram as situações em que pude perceber que existe uma distância entre a compreensão do que está acontecendo e a participação, entre ficar a par da proposta e soltar a mochila de lado e se apropriar dos materiais de escrita ali embaixo. Mudando-se o lugar da ação, evidentemente os resultados seriam outros, bem como seriam diferentes as pessoas que participariam. No entanto, por ser um lugar de passagem, aquele em que estávamos, acredito que a distância compreensão-participação se tornou maior, por exemplo, do que se estivéssemos a realizar o mesmo trabalho em um espaço de espera ou parada, como em um ponto de ônibus ou mesmo próximo a um a um banco de praça.

Em vista disso, as primeiras trocas tardaram. Entre as conversas que tive com os curiosos que se aproximavam, consegui participar da proposição de alguns colegas, como a do Caio Victor. Irreconhecível por baixo de véu e máscara, criatura anônima e despersonalizada, sua imobilidade inicial desaparecia quando alguém sentava e ditava palavras para uma carta, não uma carta qualquer, mas uma carta ao abandono. Ao seu lado, pacientemente ditei a minha carta de teor metadiscursivo, que não se dirigia a nenhuma pessoa em especial.



Figura 9 – “Cartas ao Abandono”, Caio Victor.
 Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Depois desse momento, lembro-me de fazer as minhas primeiras trocas e receber as primeiras escritas. A Juliana Tavares¹⁷ escutou minha proposta e meu pedido de que ela escrevesse o que o título do nosso trabalho suscitava, suas impressões, memórias e inquietações. Usando os materiais que pus à disposição, ela buscou um cantinho isolado próximo às grades do MAUC para escrever. Suas palavras refletem sobre questões latentes do cotidiano e do nosso momento histórico, como as eleições recentes, a fragilidade das relações que criamos com o outro e a forma como as redes sociais acabam nos definindo como indivíduos. As pessoas que fizeram a troca comigo geralmente escreviam em pé, nas imediações do próprio lugar da ação, onde havia muito ruído da rua e das nossas conversas, o que resultou em textos curtos com letra que interpretei como apressada.

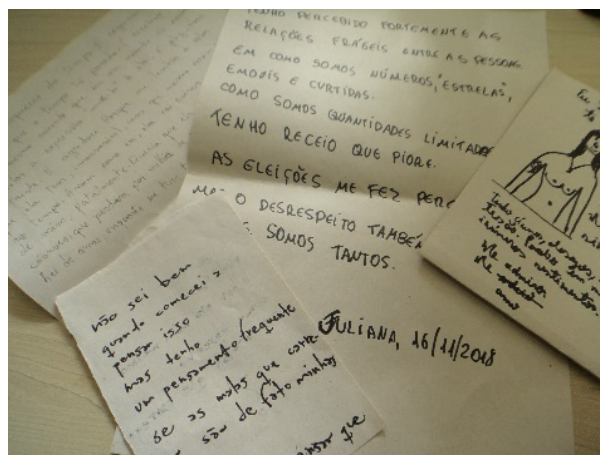


Figura 10 - Escritos produzidos e trocados comigo pelas pessoas durante a ação realizada.
 Fonte: Acervo pessoal, 2019.

¹⁷ Artista-pesquisadora da cidade de Fortaleza, componente do grupo Teatro Esgotado e colega do PPGArtes UFC.

Quando a troca acontecia, as pessoas guardavam o fanzine-mala para ver os cartões depois, suponho que por conta do caráter dinâmico e diversificado com que a ação estava acontecendo. Aos poucos fui organizando a contribuição de cada um na mala, de maneira que seu espaço acabou se tornando um lugar comum de criação e exposição – o que saía de dentro dela era acompanhado por algo novo que entrava. Desse modo, ao trocar o que fiz pelo que o outro criou, a cidade passou a estar presente dentro da mala-expositor através dessas escritas e da subjetividade das pessoas que nela habitam e chegaram até nós por meio dos seus caminhos.

Então, já não seriam mais apenas as produções dos alunos de Ateliê de Criação IV, mas produção de um grupo de participantes que decidiram contribuir com suas próprias experiências e deixar que elas ficassem expostas ali, publicamente. Hannah Arendt defende que o comum surge de uma realidade que pode ser construída em suas nuances de verdade, antes de tudo, através da diversidade, por meio da pluralidade de discursos e elementos simbólicos. Se assim encararmos a mala, talvez a realidade a que ela foi levada em sua existência coletiva seja a realidade da partilha e do comum.

A subjetividade da privatividade pode alongar-se e multiplicar-se na família, pode até tornar-se tão forte que o seu peso é sentido na esfera pública, mas esse - mundo familiar- jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar a identidade, de sorte que os que estão à volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo mostrar-se de maneira fidedigna. (ARENDR, 2007, p.67)

A diversidade do conteúdo da mala-expositor se fez ver à medida que a tarde avançava. Em grupo, tentamos deixar vir a dimensão comum da mala. Se antes era um objeto estranho no canto da calçada, tenho impressão de que a sua existência ali passou gradualmente a ser naturalizada por nós, alunos da pós-graduação, e pelos passantes do Benfica. Apesar disso, ninguém pediu para trocar meu fanzine-mala por uma escrita feita na própria mala-expositor, ou mesmo intervir sobre a mala de alguma forma. Pergunto-me o que teria acontecido se a ação tivesse durado mais de um dia.

Um desdobramento que ficou marcado durante os dias que se seguiram às ações na rua diz respeito à participação da psicóloga Vanessa Feitosa nas proposições que estávamos fazendo. Troquei o fanzine-mala por um escritura dela, que logo em seguida participou da performance “Cartas ao abandono”. Porém, enquanto ditava sua carta para o Caio, esqueceu no chão o fanzine-mala recém-trocado, situação de que fiquei a par alguns dias depois, quando ela entrou em contato por *Whatsapp*. Nessa circunstância, ela perguntava se não poderíamos nos encontrar para que eu lhe desse um novo fanzine, pois ela havia ficado curiosa e não tinha dado tempo ver durante a ação na rua. Duas semanas depois encontrei Vanessa no Centro de Humanidades II - UFC e consegui entregar em mão um número do fanzine perdido.

Gosto de pensar que nossa ação na rua proporcionou esse encontro posterior, mesmo que fruto de um esquecimento. De toda forma, aconteceu por conta da interação, da criação e da troca que nos dispusemos a fazer e, por sua vez, engendrou o diálogo, o encontro. O reencontro com a Vanessa, assim como a realidade de chegar até o outro através das relações na/pela/com a cidade, salvaguarda as pessoas não apenas do abandono com que se pintaram as palavras da carta datilografada, mas sob uma perspectiva mais ampla, da solidão coletiva e conglomerada.

No final da tarde, a mala-expositor foi levada para o interior do MAUC onde ganhou um espaço, juntamente com outros trabalhos da exposição “Mapas de um mundo ausente”. Embora a experiência de um modo geral contasse com esses dois momentos, respectivamente, fora e dentro do museu, acredito que a mais importante para mim foi a primeira. Assim considero, porque não havia participado de ações na rua antes daquele dia, tendo sido um momento rico, levando-se em conta a multiplicidade de experiências acumuladas que se desdobram na memória, no afeto, que semeiam ideias para a criação de objetos e poéticas as quais buscam conceber arte e vida por uma via comum.

Ainda com as palavras de Hannah Arendt: “O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva” (2007, p.68). Se isso é verdade, pois que não deixe de existir, e que possa se materializar e ser visto por/como uma miríade de perspectivas quando mergulhamos no exercício constante da partilha.

O comum

Neste trabalho, busco resgatar as discussões sobre política feita na disciplina de Tópicos Especiais IIⁱ, ministrada pela professora Francimara Teixeira, e entender o conceito de comum a partir de noções de política que remete, inicialmente, ao passado clássico, em que estão suas bases. No referido contexto, entendo como referencial e importante a contribuição de Aristóteles para a discussão aqui levantada, pois um dos tópicos de sua filosofia versava sobre a vida na *polis* grega. A política, nesse sentido, diz respeito à “vida na cidade e seu objetivo seria o de promover/estimular a felicidade comum e o bem da comunidade” (ARISTÓTELES, 1985, p.19). A política, dessa forma, existe quando percebemos a presença de uma busca constante por esses valores.

Dito isto, é importante reconhecer o tratamento que a civilização grega dispensava à arte, ou seja, como uma manifestação que nasce da sociedade, um produto social (WAGNER, 1849, p.36). Ainda nesse contexto, podemos apontar o drama grego não apenas como um desses produtos, mas como a arte mais elevada que foi concebida por esse povo (WAGNER, 1849, p.40), espetáculo a que o cidadão grego assistia para reconhecer a si mesmo, bem como para identificar uma essência de civilização, a substância fundamental do que é ser um povo (WAGNER, 1849, p.41). Nesse sentido, o drama não só é capaz de reunir e sintetizar as outras modalidades de arte, mas também era um elemento constituinte da própria identidade coletiva e individual, conforme a qual o indivíduo reconhecia a melhor versão de si (WAGNER, 1849, p.43).

No entanto, na Grécia Antiga, o contato com a arte e o acesso ao drama eram resguardados ao cidadão, ao homem livre, categoria que exclui o “povo” no sentido mais amplo: escravos, mulheres, crianças, idosos, estrangeiros e indivíduos que não dispunham de posses não faziam parte desse grupo, que, por sua vez, era a minoria da população. A arte e a educação estética não se ofereciam a todos e, logicamente, o que decorre delas também não, como a experiência da catarse, ou aquilo que legitima um sistema que escolhe e, se assim o faz, não manifesta a existência de uma esfera do comum no contexto social. Apesar de o bem coletivo ser um elemento essencial à política, é curioso pensar que ela só podia ser exercida em um contexto em que os ‘iguais’ se definem a partir de uma lógica do privilégio, portanto excludente.

Rancièrè (1996, p.9-10) explica que a política se justifica como prática quando se entende que não existe no mundo de fato um equilíbrio do bem comum, em virtude das diferenças que levam à existência de classes sociais distintas, por exemplo. Logo, a presença de um grupo dominante ou favorecido faz com que os pobres venham a existir como entidade. Assim, a política deveria lidar com questões que operam diretamente na busca por esse equilíbrio e igualdade.

O autor identificou um ponto de conflito muito interessante que contribuiu para a discussão sobre política, algo que ele reivindicou como *dissenso*, conceito que teria a natureza de um desentendimento. Trata-se de uma característica da política que põe em questão não apenas a divergência de opiniões em um debate entre indivíduos, mas a racionalidade operante por trás dele. Duas pessoas que acreditam que “um mesmo objeto tem por característica a cor branca, mas discordam ainda sim, não se opõem apenas em ideias, mas mantêm uma diferente posição na ocupação dos âmbitos de manifestação do sensível” (RANCIÈRE, 1996, p.11).

Para Rancière (2005, p.16), o que podemos chamar de ordem social e política está diretamente ligada à partilha do sensível. Ou seja, tudo aquilo que se alinha à mobilização da criatividade, expressão e da auto expressão. A partilha do sensível nos leva em direção a uma participação comum, quem sabe a novas formas de *fazer e dizer*. Partindo daí, podemos pensar em ações e mesmo em condições que tornem a arte acessível, em seu sentido mais amplo, o que naturalmente nos levará a compreender a partilha do sensível como uma tentativa de nos inserirmos em diferentes maneiras de ocupação do espaço, novas formas de fazer e de dizer. Busco, neste artigo, encontrar essas novas formas por meio das ações na cidade, em que a troca desencadeia uma escrita conjunta. Essas escrituras em si são feitas pelas pessoas a partir de uma proposta que lanço em vista de uma troca, tentando efetivar uma experiência/processo de compor *com* e não *na* cidade.

A troca é proposta a partir do interesse das pessoas pela minha própria escritura, que traz como suporte o fanzine, “palavra oriunda da expressão em inglês *fanatic magazine*, ou revista do fã” (MAGALHÃES, 1993, p.9). Trata-se de uma revista artesanal que se caracteriza, quanto a sua natureza de publicação, pela diversidade nas possíveis formas de composição do gênero e pela variedade temática de que o autor pode usar (MAGALHÃES, 1993, p.10). No entanto, o fanzine-mala, de cuja criação este trabalho trata, busca tensionar as definições dadas ao enveredar por novos conceitos de publicação, ao apresentar novas materialidades para o fanzine que o situam no âmbito da Arte Contemporânea.

Interessam-me as bases de pensamento em que a Arte Contemporânea busca o imbricamento cada vez maior entre arte e vida, uma inclinação incutida pelos estudos no mestrado em Artes. Ferrando (2012, p.26), ao estudar especificamente as aproximações entre arte e cotidiano, a partir das vanguardas estéticas, discorre sobre a importância da *vontade autotransformadora do receptor* (FERRANDO, 2012, p.84), promovendo uma integração da arte com o contexto comum por meio de uma percepção ativa daqueles que antes apenas contemplavam, contexto em que a experiência artística se aproxima do processo, em vez do produto. Ferrando (2012, p.37) também discute o *conceito ampliado de arte*, presente em Joseph Beuys, para quem o fazer artístico deveria estar integrado a todos os âmbitos da vida, o conceito de criatividade deveria ser introduzido no trabalho, provocando uma mudança na maneira como entendemos o sistema em que estamos inseridos, em vista de entender a entidade social como obra artística. Outro artista mencionado é Kaprow que, por sua vez, busca por uma composição pouco artística em situações cotidianas comuns (FERRANDO, 2012, p.67) quando apresenta, no contexto do *happening*, não um objeto artístico, mas *atividades* que desenvolveu, sendo que estas consistiam em olhar o céu até que surgisse uma nuvem ou varrer o chão. São situações em que podemos dizer que a experiência com a vida suplanta a experiência artística (FERRANDO, 2012, p. 67).

Dito isto, penso em que níveis podem se dar as incursões na arte que buscam a vida e o cotidiano por meio de práticas e ações na cidade que envolvam a participação das pessoas. As relações entre a comunidade e práticas artísticas que se misturam à vida, formam um amálgama com consistência indiscutivelmente política, que define essa mesma comunidade como *aquela que vem* (AGAMBEN, 2013, p.11), formada por qualquer pessoa, sem propriedade específica, ou mesmo restrições de identificação, mas, antes de qualquer coisa, afirma e reincide sobre a vida comum.

No contexto da Arte Contemporânea, abre-se espaço para que possamos relacionar a prática artística à experiência de *estar junto*, pela criação de comunidades, pela partilha do comum. Hannah Arendt (2007, p.62) discute o estreitamento entre as dimensões da esfera pública e comum a partir da capacidade que temos de partilhar um mundo e uma realidade que construímos coletivamente, o que me parece central em um pensamento em artes que busca situar as práticas contemporâneas em outros espaços além daqueles que têm sido tradicionalmente de legitimação da arte, como os museus e galerias. Sobre a natureza e abrangência do que entendemos como público, que, por sua vez, condiciona o comum, Hannah Arendt comenta:

(...) O termo – público – significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. (ARENDRT, 2007, p.62)

Assim, acredito que a ação que propõe troca e criação disparadas pelo fanzine, tornando as pessoas que passam na rua sujeitos ativos na socialização do processo artístico que ganha força na interação, na partilha das experiências, escrituras e gestos, traz uma importante reflexão. Esta diz respeito à construção do comum no espaço público que entendemos por cidade e nas ações que buscam força a partir de uma lógica operativa cada vez mais presente na vida e no cotidiano, logrando uma transformação que por essência tem uma natureza política.

Considerações finais

Com este trabalho, pude pensar de formas diferentes um processo de criação que tem sido caro a mim nos últimos anos e, especialmente, na pós-graduação já que está relacionado diretamente à minha pesquisa: a criação de fanzine. De forma complementar, há a vivência na cidade que foi possível por meio das ações, onde pude experimentar a troca do fanzine-mala pelos escritos das pessoas que se dispuseram a participar deste momento, nas imediações da Avenida da Universidade. Assim, a experiência como um todo traz à tona um dos modos viáveis de perceber as potencialidades do processo criativo em uma relação arte e vida, fanzine e cidade, mesmo que limitada pela sua duração, as poucas horas de uma única tarde. Também se encontra aí a dimensão política de ações que buscam trabalhar a construção de um lugar comum, a partilha do sensível, contexto em que a elaboração artística se completa, ou tenta fazê-lo, com a participação do outro, inserida no cotidiano.

É preciso destacar que o trabalho aqui apresentado só foi possível da forma como foi feito por conta de sua gestação ao longo de todo um semestre, a partir de discussões feitas na disciplina de Tópicos Especiais II, ministrada pela professora Francimara Teixeira, e da articulação das professoras Jo-Ami e Deisimer Gorczewski, com a coordenação geral do Seminário Internacional das Artes e seus Territórios Sensíveis, além da constante troca de saberes durante as reuniões com os membros do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA).

Fico feliz pela oportunidade de contar a história das minhas malas neste artigo e trazer o caminho que segui na tentativa de criar para elas e suas respectivas bagagens uma existência compartilhada, por meio da transformação e multiplicação delas em pequenos cartões que se somam para integrar um fanzine. A mala-expositor, que agregou as propostas de trabalho dos alunos da disciplina, foi utilizada pela primeira vez de forma compartilhada, situação em que pudemos explorar sua condição de lugar-objeto partindo de um uso que busca a construção do comum. Os escritos que colhi durante as trocas efetuadas ganham, no interior da mala, um lugar especial e acabam sendo responsáveis por redefini-la, já que agora ela não guarda apenas minha bagagem, mas uma bagagem construída coletivamente. Assim, embora em minha posse, já não é mais minha apenas, mas também das pessoas que contribuirão acrescentando algo de seu ao que ela guarda, sempre que for aberta nalgum lugar. Passada a experiência do dia 16 de novembro, outras ocasiões diferentes a esperam em que ela possa ser aberta em condições distintas, que proporcionem novas experiências no âmbito da arte. Por exemplo, o que aconteceria se a mala fosse aberta por outrem e não por mim, é uma questão que pode gerar novas ações em uma ocasião próxima.

Passado o tempo, acrescentei alguns cartões ao fanzine-mala que explicavam o trabalho que fizemos. Afinal, durante a ação, cada artista estava presente para explicar sua proposta. No entanto, se

porventura, alguém o abrisse em outro contexto, encontraria dentro os cartões, mas não ficaria a par da história das malas e da circunstância em que ele fora feito. Tendo acrescentado os novos cartões com informações que norteiam o fanzine-mala como publicação que é, com ele presenteei alguns amigos e também meus pais. No início de 2019, fiz sua inscrição no Prêmio Dente de Ouro 2019, premiação organizada pela Feira Dente de Publicações¹⁸ e, embora não tenha vencido, senti-me muito realizado em ficar entre os nove finalistas da categoria zine. Principalmente por ter sido um trabalho desenvolvido no mestrado, por fazer parte da história de uma ação feita na rua, com a participação das pessoas da cidade, tendo proporcionado um estreitamento de laços não somente com elas, mas também entre os colegas da disciplina.

As cópias do fanzine-mala ainda são confeccionadas em situações pontuais, a pedido de alguma pessoa querida, embora outros momentos de troca ocupem meus planos doravante. É por meio deles que minha mala executiva se aquieta nos recônditos do quarto, entre uma estante e um armário, permite-se habitar outros lugares sob o formato dos pequenos cartões impressos em papel *couché*. Para minha pesquisa sobre cidade e fanzine, as malas serão abertas e circularão pelas ruas de Limoeiro do Norte, onde novos contextos de troca serão propostos, bem como novos encontros, diálogos e registros.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. A Comunidade que vem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARISTÓTELES. Política. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch e Baby Abrão. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.
- BRITTO, Fabiana; SETENTA, Jussara. Performatividades. In: JACQUES, Paola; BRITTO, Fabiana (Orgs.). Corpocidade: gestos urbanos. Salvador: Edufba, 2017.
- CARROL, Lewis. Alice: edição comentada. (M. L. X. de A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (2002).
- FERRANDO, Bartolomeo. Arte y cotidianidad hacia la transformación de la vida en arte. Madrid: Árdora Ediciones, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RUBIÃO, Murilo. O pirotécnico Zacarias. 16. ed. São Paulo: Ática, 1979
- SWIFT, Jonathan. Viagens de Gulliver. São Paulo: Penguin, 2010.
- WAGNER, R. A Arte e a Revolução. 2ª edição. Tradução de José M. Justo. Introdução de Carlos da Fonseca. Lisboa: Edições Antígona, 2000.

¹⁸ Feira de publicações anual que acontece em Brasília que busca dar destaque e visibilidade para a produção independente. O Prêmio Dente de Ouro, iniciativa da Feira Dente, busca reconhecer e estimular a publicação de obras independentes. Link: <http://feiradente.com/>